



ALFABETIZAÇÃO PRIVADA DO QUE HÁ DE MELHOR SOBRE APRENDIZAGEM

Estando ainda no aeroporto de Brasília, no final do Seminário Internacional sobre Alfabetização e Cidadania, já me sinto compelida a escrever minha reação, meus sentimentos e minhas reflexões sobre este problemão, que é a alfabetização dos brasileiros.

Ministros de educação de vários países estiveram contando seus planos, seus esforços e seus resultados. Planos lindos, muitos esforços e poucos resultados. E todos propunham por mais esforços. É necessário porém, uma análise profunda a respeito da problemática específica, nesta área, que é a da aprendizagem de um particular campo conceitual, o qual visa ensinar a ler e a escrever. Trata-se de uma questão didática e pedagógica, que tem suas exigências próprias, seu enraizamento histórico e suas bases em descobertas e avanços científicos disponíveis neste campo. Estes aspectos não estavam devidamente incorporados neste Seminário em Brasília e se pensa que, com um forte e decidido voluntarismo ainda que nas mais das vezes reduzido a discurso, é possível atacar este desafio, que ultrapassa nossas fronteiras. Entretanto o desafio da alfabetização assume contornos particularmente alarmantes no caso do Brasil, 8ª potência econômica mundial, mas impotência internacional das primeiras, para atacar os mais comezinhos problemas sociais.

A alfabetização é o umbral da cidadania, porque ela representa a primeira capacitação para a participação num mundo cotidianamente letrado, isto é, num mundo regido pelos códigos gráficos centrados no sistema da escrita. Mas, a alfabetização é umbral de cidadania principalmente, porque ler e escrever é falar de forma mais ampla. A fala constitui uma das maneiras básicas de comunicação e de expressão do sentimento e do compromisso com relação aos outros homens e mulheres que povoam a grande cidade que é este mundo. Alguém que não domina esta forma de interação com os seus pares é um ser mutilado para a inserção no universo dos cidadãos deste final de século.



...
A importância da alfabetização foi consenso entre todos que se pronunciaram em Brasília.

Porém, o que me preocupava enquanto os ouvia era a distância entre seus discursos e a concretização de soluções efetivas. Estas soluções tem que passar das medidas arregimentadoras de analfabetos, jovens ou adultos ou de garantia de acesso à escola para todas as crianças. E no interior da sala de aula que há uma enorme inoperância. As campanhas de alfabetização de adultos, desde o império, não apresentam eficácia mesmo reunindo analfabetos por um certo tempo, com a intenção e a promessa de lhes ensinar a ler e a escrever. Eles participam de variados círculos de estudo e não saem dominando a leitura e a escrita. Saem, sim, pior do que chegaram, porque com sua auto-estima rebaixada pelo reforço da internalização do estigma de não terem "cabeça boa" porque não são capazes de sequer atingir o primeiro degrau de escolarização que é ler e escrever. Este degrau é acessível a qualquer criança de 06 anos das classes alta e média, em qualquer parte do mundo.

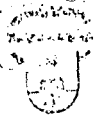
Outrossim, a escola pública regular já inicia esta estigmatização com seus alunos de 6,7 anos. Ela é indiscutivelmente a indústria mais eficaz de produzir analfabetos, porque a média de reprovações na 1ª série do 1º grau em nosso país, é alarmantemente de 50%.

Portanto, um dos cerne do fenômeno do analfabetismo está dentro da sala de aula. Crianças e adultos entram nela para aprender e não aprendem.

Mas, por que acontece isto?

Sabe-se já, sobejamente, que não se trata de desnutrição. Os muitíssimos brasileiros que não comem suficientemente nos dois primeiros anos de vida não atingem 07 anos. Morrem antes, vítimas da diminuição das defesas orgânicas que a desnutrição provoca. Os que conseguem chegar aos 07 anos e entram numa 1ª série de nossas escolas trazem a marca da competência para vencer resistências e obstáculos, economizando, muitas vezes, músculos e ossos para salvaguardar seu sistema nervoso.

...



...
São eles, portanto, inteligentes bastante para se alfabetizarem. Entretanto isto não acontece!!

Uma das causas que enfatizo aqui é a inadequação da proposta de ensino ainda vigente na maioria das salas de aula. Esta proposta ignora conquistas importantíssimas no campo das ciências da educação. E por isso é retrograda e ineficaz. Desta afirmação resultam outras duas. A alfabetização exige preparo profissional, isto é, necessita que dela se ocupem professores.

Mas a segunda consequência, a respeito da inadequação das propostas tradicionais de ensino, é que o bom professor alfabetizador hoje, tem que conhecer os atuais recursos de rivados da compreensão nova que a ciência dispõe sobre como se aprende, em especial, como se aprende a ler e a escrever.

Assim, ignorar que Piaget, Vigostsky, Wallon existiam e que iluminaram nossas buscas a respeito de como se constroem saberes e conhecimentos é pelo menos estar fora de época, para trás quase um século.

Ignorar a descoberta do inconsciente e a sua constituição eminentemente social é permanecer atrelado a limitações impeditivas da constituição de sujeitos singulares que dariam condições para o estabelecimento de democracias.

Ignorar a estreitíssima vinculação de corpo e mente, fruto dos estudos de psicomotricidade nas últimas décadas, os quais dão um novo sentido não só para a escolaridade, mas para todas as aprendizagens, é perder um elemento básico para a eficácia de propostas de ensino.

Ignorar os avanços na interpretação da história, na linguística, na sociologia, na antropologia, na política e na filosofia é colocar o ensino à margem do contemporâneo o que contribui para continuar implantando a ditadura da ignorância a milhares de alunos.

Minha reação e meus sentimentos quando pessoas tão ilustres vem de tão longe para discutir assuntos tão relevantes de que há uma parte importante para o diagnóstico da doen

...

...
ça do analfabetismo que não está entrando em conta. E isto po
de comprometer todo o restante.

Esther Pillar Grossi, 55 anos

Graduação e mestrado em matemática. Doutorado em psicologia cognitiva pela Universidade de Paris. Coordenadora de pesquisa do GEEMPA (Grupo de Estudos sobre Educação; Metodologia, Pesquisa e Ação). Secretária Municipal de Educação de Porto Alegre